

Aula 3

MÉTODO EM FILOLOGIA ROMÂNICA I: O MÉTODO HISTÓRICO-COMPARATIVO

META

Compreender a proposta do método histórico-comparativo e sua aplicação aos estudos da filologia românica.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

situar a filologia românica no espírito científico de uma época;
abordar a questão do método como recurso para o desenvolvimento de trabalhos científicos;
compreender a proposta do método histórico-comparativo e sua aplicação às pesquisas em filologia românica.

PRERREQUISITOS

As aulas anteriores deste módulo e os módulos I e II de Fundamentos da Língua Latina são o primeiro prerequisite para esta e outras aulas desta série, tendo em vista uma proposta de trabalho em que se busca o encadeamento dos saberes abordados e a visão do conhecimento como um todo articulado.

No material acima referido, sempre se falou dos recursos auxiliares e das ciências afins. Para abordar o método histórico-comparativo, como se propõe esta aula, é preciso estar atento aos conhecimentos de história, geografia e cultura geral, entre outros. Além do seguro domínio do português, que se espera de qualquer estudante de Letras, o trato com os estudos de filologia românica vai exigindo um certo trânsito pela área de outras línguas românicas (espanhol, francês, italiano etc.) sob pena de se reduzir este trabalho ao plano da superficialidade. O grego também não pode ser negligenciado em muitos momentos das abordagens filológicas.

Assimile, portanto, com muito empenho, todos os conteúdos apresentados e, em se tratando do estudo de um método, não se esqueça de que você vai seguir um caminho a fim de alcançar objetivos bastante definidos, você vai realizar um trabalho científico ainda que seja no amplo e imprevisível terreno da linguagem.

Nada, porém, deve assustar ou desanimar. É preciso tão somente cultivar uma atitude de abertura às propostas e de plena confiança na capacidade pessoal de vencer todas as etapas.
VÁ EM FRENTE!

INTRODUÇÃO

O *Discurso sobre o Método* teve como criador o francês René Descartes (1596 – 1650, em latim Carthesius, de onde provém a denominação Método Cartesiano).

Seus pensamentos supõem a implantação do método científico de caráter lógico-dedutivo, no que os fenômenos podem ser explicados a partir do mecanismo natural de **causa-efeito** e estão, portanto, sujeitos a predição e interpretação por parte do intelecto humano.

A dúvida, o questionamento da raiz do estabelecido, supõe a ferramenta básica da **busca da verdade** e o início de todo conhecimento (***Cogito, ergo sum!* = *Penso, logo existo!***). Sendo ele muito interessado em matemática, ciência e filosofia, seu método exclui tudo o que não seja racionalmente demonstrável de maneira matemática e abre caminhos para as exigências do espírito científico que ditam normas no século XIX, época do surgimento da filologia românica, ou seja, a linguística românica tentando firmar espaços entre as outras ciências.

Para comprovar a pertinência do status científico da filologia, os divulgadores do método agora estudado insistem na valorização dos elementos históricos e na necessidade de estabelecer a comparação entre as línguas da mesma família identificando as semelhanças e diferenças entre elas. No meio científico europeu, os trabalhos de Franz Bopp, em 1816, alertam para a possibilidade de relacionar línguas até então vistas isoladamente e perceber uma forte semelhança formal entre elas.

No seu famoso livro *Sobre o Sistema de Conjugação do Sânscrito em comparação com o do Grego, Latim, Persa e Germânico*, Franz Bopp estava lançando as bases para a exploração do *parentesco das línguas*, cujo maior resultado foi a classificação genealógica que associa as línguas aos antepassados comuns.

Deste método é que nasceu a Filologia Românica conduzindo na mesma linha as investigações aplicadas, desta vez, às línguas oriundas do latim.

Esta lição trata, portanto, da caracterização do método histórico-comparativo aplicado às línguas românicas. Apresentam-se aqui os passos do seu desenvolvimento, seus problemas, os especialistas envolvidos e os resultados a que foi possível chegar, muitos deles disponíveis em obras de inquestionável valor científico.

Uma coisa, porém, deve ficar, desde o início, bastante clara: a pesquisa linguística não pode restringir-se ao emprego de um só método, pois nenhum deles é perfeitamente completo. Daí ser necessário conhecer todas as propostas metodológicas e escolher aquela (ou aquelas) que melhor se coadune(m) com o tipo de pesquisa que se deseja realizar.

O MÉTODO HISTÓRICO-COMPARATIVO

O método histórico-comparativo aplicado ao latim e às línguas neolatinas deve-se aos trabalhos do alemão Friedrich Diez (1794 – 1876), considerado o pai da Linguística ou Filologia Românica.

Trata-se, na verdade, da retomada dos estudos de Franz Bopp e Jakob Grimm tendo, agora, o enfoque centrado sobre a trajetória do latim vulgar até as línguas românicas. É verdade que os principais mentores da Escola Comparatista, Max Muller, Curtius e Friedrich Schleicher, por lidarem com línguas muito antigas, nem sempre dispunham de bons elementos que levassem a resultados satisfatórios o trabalho de comparação.

Com as línguas românicas, no entanto, a situação de pesquisa e comparação torna-se bem mais facilitada, pois se trata de lidar com o latim e com as línguas que gerou, cujos documentos de apoio são numerosos. Daí ter sido muito grande o sucesso que logo se pôde verificar, dada a facilidade com que se pode trabalhar no contexto destas línguas, permitindo fortes possibilidades de determinar, no processo de evolução do latim, aquilo que se denominou de *terminus a quo* e *terminus ad quem*, ou seja, a forma que a palavra possuía no latim e a forma em que, finalmente, se mostra no momento da análise em qualquer das línguas novilatinas.

Um exemplo:

Terminus a quo: **plicare**

Processo evolutivo: **plicare** > **plicar** > **chegar**

Terminus ad quem: **chegar**.

As obras de Diez representam o impulso inicial de uma nova era na compreensão do latim e das línguas dele advindas:

Gramática das Línguas Românicas (1836 – 1843).

Dicionário Etimológico das Línguas Românicas (1854).

Costuma-se mencionar o nome do francês François Raynouard, conhecido profundo do antigo provençal, como precursor de Diez, no entanto as teorias do especialista francês não tiveram efeito porque defendem que as línguas neolatinas se explicariam não como derivadas diretamente do latim, mas de um *língua romana* como se fora o provençal falado do século VII ao IX.

O empenho de explicar as origens e as correlações entre as línguas afins é uma tentativa de acompanhar o espírito cientificista dos meados do século XIX, para o qual o status de ciência só deveria ser privilégio daquelas áreas do saber que comprovassem plena adequação ao método científico experimental. Assim, restariam poucas chances às ciências humanas (filosofia, teologia, pedagogia, linguística etc.), razão pela qual os linguistas do século XIX deverão estar atentos às exigências do seu tem-

po e imediatamente encontrar provas de plena adequação das letras às exigências científicas.

Para bem captar o espírito da época, convém evocar os princípios do *Realismo-Naturalismo* aplicados à literatura e recordar as grandes correntes de pensamento que fundamentam este estilo literário de época: Evolucionismo, Positivismo, Determinismo, Psicologismo e Socialismo.

Para isso, a linguística histórica encontrou um excelente apoio nos trabalhos de um grupo de teóricos da *Escola dos Neogramáticos*, iniciada em 1878 por Karl Brugmann e Hermann Osthoff com a obra *Morphologische Untersuchungen* (Investigações Morfológicas).

Defendiam os *Neogramáticos* a teoria de que o processo de evolução das línguas não acontece aleatoriamente, mas obedecem a princípios que permitem uma certa regularidade no processo evolutivo quando as circunstâncias são as mesmas. Considerando o lado fonético, segundo diziam, podem ser observadas verdadeiras leis sonoras às quais o processo evolutivo raramente desobedece. Para eles, as leis fonéticas não sofrem exceções, mas, na realidade, sofrem desvios que são motivados pela interferência de outros fatores naturais.

Se existem, às vezes, exceções, os Neogramáticos as atribuem às analogias, a exemplo da língua falada em que, por associação a uma forma anteriormente conhecida: *vender / vendido / vendeu* se felete em *fazer / fazido / fez*; ou *eu sigo / tu segues* e, daí, *eu vivo, tu veves* etc.

Para melhor compreender as idéias aqui expostas, é bom você retomar o conteúdo da aula 20, do módulo 2, da disciplina Fundamentos de Língua Latina. Aí alertamos para a noção de *Metaplasmo* e fazemos uma exposição detalhada de muitas variações sonoras ocorridas desde o latim até o português. Alertamos igualmente para a persistência na atualidade da língua de formas variadas de um mesmo conceito, sob a denominação de *Alomorfas*. Essa revisão ajuda a melhor compreender o que era a prática de análise linguística sugerida pela escola aqui em apreço.

Queriam os neogramáticos que as leis fonéticas fossem infalíveis e foi, justamente, a utilização do termo *leis* o elemento de maior polêmica nas discussões em torno deste assunto. Tivessem eles falado de normas, tendências, possibilidades etc. e seriam certamente bem mais aceitos.

Mas não se pode negar a valiosa contribuição que prestaram para a compreensão histórica e para ao entendimento de como as línguas variam segundo princípios mais ou menos frequentes.

Meyer-Lübke foi o continuador dos trabalhos de Diez, incorporando ao método as contribuições dos neogramáticos e dando mais coerência e consistência aos estudos da Filologia Românica.

O método histórico-comparativo aplica-se a casos de grupos de línguas genealogicamente afins e, dos dados pertencentes às línguas da mesma origem, são determinados os metaplasmos e buscados os campos se-

mânticos e logo vai ser constatada uma pertinência fonológica e inúmeras semelhanças de uma língua à outra. Meyer-Lübke fora bastante rigoroso na aplicação do método e conseguiu, pelo uso de farto material, superar a obra de Diez.

O método aqui analisado tem sido de grande utilidade na reconstituição do léxico do latim vulgar (também denominado de *protorromance*), de onde realmente vieram as línguas românicas. Deste latim popular as fontes escritas são pouquíssimas, mas os romances podem, muitas vezes, traçar uma idéia perfeita de estágios anteriores até se chegar a períodos mais remotos. É bom que se diga, no entanto, que este método não obteve os mesmos proveitos animadores em todos os níveis da linguagem.

A eficácia se verifica, por exemplo, nos aspectos da fonologia, morfologia e do léxico, mas existem grandes dificuldades no terreno da sintaxe, pois nesse nível fica muito mais complicado comprovar a regularidade das ocorrências, haja vista estar o elemento sintático muito mais sujeito às oscilações individuais ou mesmo de um grupo, o que compromete muito o trabalho de análise.

Nos manuais de filologia românica, sempre aparecem quadros sinóticos em que se destacam termos próprios do latim vulgar e se apresentam, paralelamente, as formas correspondentes em cada língua românica.

Um exemplo desta prática pode ser visualizado em *LINGUISTICA ROMÂNICA*, de Rodolfo Ilari, p. 23:

latim	português	espanhol	francês	italiano
(1) novu movet mordit porta populu	novo move morde porta povo	nuevo mueve muerde puerta pueblo	neu f meut mord porte peuple	nuovo muove morde porta popolo
(2) flore hora solu famosu co(ho)rte prosa	flor hora só <soo famosu corte prosa	flor hora solo famoso corte prosa	fleur heure seul fameux cour prose	flore hora solo famoso corte prosa
(3) gula juvene ulmu unda bucca fornu musca	gola jovem olmo onda boca fomo mosca	gola joven olmo onda boca horno mosca	gueule jeune orme onde boucle four mouche	gola giovane olmo onda bocca fomo mosca
(4) luna virtute mutare	lua virtude mudar	luna virtud mudar	lune vertu muer	luna virtù mutare

A divisão do quadro em quatro blocos remete às palavras latinas em suas configurações. Este quadro é apenas uma pequena amostra das comparações possíveis no terreno das vogais. Mais tarde será demonstrado este mesmo procedimento no domínio das consoantes. Este, porém, é um passo inicial para ajudar a entender o procedimento comparativo que envolve as línguas românticas. Cabe a você ir buscando ampliar este quadro com exemplos descobertos por você mesmo, dando, com isso, provas concretas de ter assimilado o conteúdo aqui exposto.

CONCLUSÃO

A existência de um método histórico-comparativo leva a uma prática científica no trato com as línguas. Buscam-se elementos que se repetem na ocorrência das mudanças levando os especialistas ao reconhecimento de leis fonéticas, ou melhor dizendo, de normas e princípios que regem as variações. O trabalho dos neogramáticos sugere a constatação de regularidades – sobretudo de ordem fonética – levando a concluir pela existência de normas às quais obedece o processo de mudança linguística.

O método tem o seu valor desde que não se faça dele o caminho exclusivo. A melhor abordagem científica da filologia consiste em conhecer as diferentes propostas metodológicas e saber recorrer àquela que melhor corresponde às necessidades do momento ou dos objetivos que se deseja alcançar.

Por isso mesmo, você vai conhecer todos os outros métodos e poder trabalhar livremente cada proposta, na perspectiva de realizar um estudo bastante completo.

RESUMO

A questão do método em filologia românica se insere no contexto geral das ciências para as quais se busca um caminho que possa surtir resultados satisfatórios segundo os objetivos anteriormente definidos.

O método histórico-comparativo é o primeiro de uma série de propostas metodológicas e ele procura responder às exigências dos cientificistas do século XIX, para os quais o status de ciência só seria devido às áreas do saber que demonstrassem precisão, continuidade e comprovação experimental de suas teorias.

Os especialistas em linguística românica, ajudados pela Escola dos Neogramáticos, tentaram demonstrar a pertinência de leis fonéticas que funcionam regularmente sempre que as circunstâncias são idênticas.

Nesta perspectiva, buscou-se comparar as diferentes línguas românicas tendo como ponto de partida o latim falado, o latim vulgar. Um mesmo vocábulo dito nas diversas línguas revela semelhanças e diferenças que vão ser o objeto de análise.

Um trabalho desta natureza não pode restringir-se a um número limitado de palavras como geralmente fazem crer os manuais ao repetirem quase sempre os mesmos exemplos. Importante é motivar a criatividade do aluno e a sua persistência para aplicar o método a muitas e muitas palavras. Tal procedimento, porém, somente se mostra eficaz com o apoio de bons dicionários de cada língua românica que fizer parte do trabalho de investigação.

Aos poucos, porém, você, caro aluno, vai-se familiarizando com o método e vai conseguindo ampliar os horizontes dos seus conhecimentos.

Para começar, importa conhecer a essência do método e visualizar a sua aplicação em um certo número de palavras. O restante vai-se firmando aos poucos.

VÁ EM FRENTE! CORAGEM!





ATIVIDADES

As questões para avaliação desta aula têm muita relação com o entendimento que você assimilou dos conteúdos aqui expostos. Não se pode, por isso, esperar respostas formalmente idênticas de aluno para aluno. Desde que o pano de fundo das respostas seja o mesmo, a formulação das respostas pode divergir entre alunos sem que isso seja indicativo de uma resposta errada.

- a) Destaque alguns especialistas do período da filologia românica aqui abordado e identifique os fatos a que eles estão relacionados.
- b) *O método histórico-comparativo prestou-se muito bem aos objetivos da linguística românica.* COMENTE ESSA AFIRMAÇÃO APRESENTANDO FATOS QUE A JUSTIFIQUEM.
- c) Demonstrando ter compreendido a relação *Terminus a quo ~ Terminus ad quem*, apresente mais 5 palavras que exemplifiquem este processo.
- d) A evolução da palavra deveria ser nesta ordem: *tenebra ~ tevra*, e, no entanto, fez o seguinte percurso: *tenebra ~ treva*. Por analogia, encontre exemplos semelhantes na linguagem popular falada.
- e) Que correlação semântica pode ser visualizada na evolução de *plicare ~ chegar*?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Estas questões revisam, primeiramente, os nomes das pessoas ligadas à ciência filológica românica (a). Releia o conteúdo inicial do módulo para bem situar-se na questão.

Em segundo lugar, discute-se a conveniência do método histórico-comparativo na linguística românica (b), pois existem fortes razões para que o uso tenha dado certo.

O ponto de partida (latim) e o ponto de chegada (línguas românicas) podem ser detectados em quase todas as palavras no processo de evolução. Aqui se pede (c) que você identifique 5 delas, demonstrando que você compreendeu o assunto.

O número de exemplos é por demais reduzido, mas você, de agora em diante, deve habituar-se a este tipo de exercício, que é, na verdade, a essência da disciplina que estamos estudando. Faça todo o possível para criar exemplos próprios sem preocupação de estar copiando dos manuais. A resposta da próxima questão (d) deve ser buscada no contexto da oralidade sobretudo no que se pode observar nos falantes menos instruídos.

Esta última questão (e) requer uma consulta ao dicionário, um dicionário que remeta à etimologia da palavra.

Prosseguem as recomendações anteriores. Você, como bom pesquisador, deve habituar-se à fixação de determinados termos que compõem a terminologia de cada disciplina estudada.

A filologia românica também trabalha com termos específicos que remetem a conceitos próprios que podem ter acepções diferentes se usados no contexto de outras áreas do saber. Desta forma, vá construindo um glossário próprio para bem definir os termos com que a filologia precisa trabalhar. Faça isso observando a ordem alfabética a fim de facilitar a consulta, à medida que o número de palavras for sendo ampliado.

Neogramáticos / Realismo – Naturalismo / Terminus a quo / Terminus ad quem / Leis fonéticas / Analogia / Protorromance / Método / Neogramáticos .

REFERÊNCIAS

- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- ELIA, Sílvio. **Preparação à linguística românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2004.
- IODAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica**. Tradução de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1962.
- LAUSBERG, Heinrich. **Linguística românica**. Tradução de Marion Ehrardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1963.
- VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de linguística românica**. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.